

4ª PARTE

DISCURSOS

Mensagem de Natal na Academia Cearense de Letras, pronunciada no dia 10 de dezembro de 2015.

Angela Gutiérrez

Preliminares

Cumprimento inicialmente o presidente da Academia Cearense de Letras, e amigo, Bibliófilo José Augusto Bezerra, e, mais uma vez, louvo sua tenacidade e seu esforço para realizar a reforma e organização de nossa biblioteca e o restauro de nossa sede, o Palácio da Luz, um dos patrimônios históricos no Estado do Ceará desde os tempos coloniais. O empenho e bom gosto do presidente desta Casa ao cuidar, não só das estruturas e infraestruturas do prédio, mas dos mínimos detalhes de sua arquitetura e decoração, restituíram ao Palácio o brilho e a grandeza até pouco tempo escondidos.

Em nome de todos os colegas acadêmicos, agradeço-lhe por podermos hoje desfrutar de uma sede digna, funcional e bela e, em nome dos cearenses, por recuperar este patrimônio de nossa Cultura, História e Arquitetura.

Meus cumprimentos se estendem a todos/todas colegas de Academia, funcionários/funcionárias e a suas famílias, aos convidados de outras instituições culturais irmãs, aos amigos da Casa de Thomaz Pompeu, aos beneméritos da instituição.

Permito-me enviar um beijo especial para meu marido Oswaldo Gutiérrez e um abraço fraterno em Bernadete Bezerra, admirável mulher, que tem colaborado com José Augusto em sua dedicação à Academia.

Convidada pelo Presidente para lhes trazer uma mensagem nesta festa amiga, decidi falar-lhes sobre um tema que me parece de transcendental importância nos dias difíceis que o mundo e, em espe-

cial, nosso país vivem: a esperança. E o faço no Natal, lembrando que o Menino veio ao mundo como Emanuel, o Esperado, aquele anunciado pelo profeta Isaías, o que traria a salvação, o amor, a paz. Sobre esse tema “O Menino e a Esperança” – falarei mais especificamente amanhã no Instituto do Ceará.

Ontem, em bonita festa da Associação Brasileira de Bibliófilos, o colega Juarez, referiu-se à minha fala de hoje e à de amanhã como crônicas. Como não divulguei essas falas, acho que o colega, como se costuma dizer, comeu carne de pavão, porque adivinhou. Sim, principalmente hoje, optei por fazer uma crônica intitulada “A travessia da esperança”, nascida de um dos pequenos textos que publico na coluna Opinião d’O POVO.

A travessia da Esperança

Às vésperas de Natal, Isabela anunciou à mãe: Quero ir para Jesus-além.

Mas onde encontrar a Jesus-além de Bela para cumprir seu desejo? Embora a semelhança de sons da palavra me convidasse a crer que minha neta se referia à milenar Jerusalém, sei que sua Jesus-além não se confunde com a cidade que, embora tenha recebido os passos e as palavras de amor de Jesus, continua a encenar ódios de sangue. Na Jesus-além de Bela, sei, amar é tão imprescindível como respirar.

Ao longo da vida tenho visitado muitíssimos lugares que habitam a mente de homens, mulheres e crianças desde tempos remotíssimos - Atlântida, Eldorado, Ilha da Utopia, Terra do Nunca, País da Cocanha, Arcádia, São Saruê ... -, mas nunca ouvira falar de Jesus-além.

Consultei narrativas de viagem, tratados de astrologia, velhos mapas em papiro e pergaminho, livros escondidos em bibliotecas medievais ou no oco de grutas em ilhas quase desconhecidas, conversei com antigos pajés, monges budistas. As referências que me ofereceram sobre Jesus-além me pareceram vagas, sem indicação de latitude nem longitude, sem traçado de orientação por estrelas e constelações.

Inconformada, lembrei-me de perguntar à jovem que mora sobre a mesinha de cabeceira do meu Prince Charmant de toda a vida:

– Você, que vive no mundo da imaginação, sabe onde fica Jesus-além?

– Tão perto!

Tocou-me no lado esquerdo do peito e na testa e voltou a sorrir no retrato em preto e branco que mantém seus quinze anos imunes ao tempo.

Fiquei sabendo, então, que Jesus-além morava no coração e na imaginação da jovem que viria a ser, um dia, a avó de Rafael, Oswaldo Neto, Lina, Isabela, Taís, Alícia, Eduardo Césare da neném que nascerá em 2016. Com a tenacidade e o cuidado de uma arqueóloga, penetrei nos territórios que habitam aquele coração *quinceaño*.

Encontrei uma antiga cidade, fechada sobre si mesma por altos e espessos muros de pedra, onde um menino cresce como outros meninos que não conhecem a penúria. Nada lhe falta: nem pão, nem roupa, nem teto, nem mãe, nem pai, nem subida aos montes e nem correria nos campos que bordeiam a cidade. Amável e amado, faz-se rapaz, sente a beleza das flores, a harmonia do canto dos pássaros e a graça das meninas que lhe sorriem.

Um dia, o rapaz vai à guerra e volta ensimesmado e melancólico. Guarda na memória as dores que vira e ouvira em longes terras. Para esquecer essas dores ou para comemorar a vida, o jovem, vestido de veludo, sai com os amigos ao anoitecer, bebe, dança, e volta para casa ao amanhecer. Vem a cavalo, em passo lento, e talvez porque se sinta farto e bem abrigado, causa-lhe espanto entrever, na luz avermelhada do sol nascente, as silhuetas escuras de figuras encolhidas, encostadas umas às outras e coladas às paredes de sua casa. Desce do cavalo e, pela primeira vez, consegue ouvir o pedido silencioso dos seres desamparados. Na noite que parecia igual a todas as outras noites, um rapaz, em gesto que repercutiria no seu século e nos que viriam depois, desveste-se de seu próprio manto e com ele cobre o homem que tem frio. Alguns de seus amigos lhe imitam o gesto e estendem seus mantos sobre outros homens e mulheres e crianças.

Os ouvidos do jovem, antes moucos, e seus olhos, antes cegos, ao sofrimento vizinho, passam a ouvir e a ver a fome, a dor, a vergonha dos irmãos homens e das irmãs mulheres, dos irmãos velhos e das irmãs crianças que vagam na escuridão das noites e na claridade dos dias, invisíveis e inaudíveis para os corações endurecidos das gentes. Aproximei-me desses habitantes da noite e perguntei que lugar era aquele. Il mondo del Poverello di Assisi, me responderam. Entendi porque o canto de amor de Francesco, Francisco, é tão forte que atravessa séculos, quase mil anos...

Ouçamos, quem sabe, cantemos juntos a oração do nosso irmão que amava os pássaros, os rios, as árvores, enfim, a mãe terra e todos seus filhos: (escolhi a versão de um cearense, Fagner, pelo tom nordestino da voz e dos instrumentos)

Senhor,
Fazei-me instrumento de vossa paz.
Onde houver ódio,
Que eu leve o amor.
Onde houver ofensa,
Que eu leve o perdão.
Onde houver discórdia,
Que eu leve a união.
Onde houver dúvida,
Que eu leve a fé.
Onde houver erro,
Que eu leve a verdade.
Onde houver desespero,
Que eu leve a esperança.
Onde houver tristeza,
Que eu leve alegria.
Onde houver trevas,
Que eu leve a luz.
– Ó Mestre,
Fazei que eu procure mais,

Consolar, que ser consolado,
Compreender, que ser compreendido.
Amar, que ser amado.
Pois é dando, que se recebe.
É perdoando, que se é perdoado.
E é morrendo, que se vive, para a vida eterna.

Mais animada, continuei minha busca de Jesus-além. Ouvi vozes e vi um lugar povoado de jovens de mãos dadas que se preparavam para cantar! Alguém ouviu minha pergunta e respondeu-a com um sorriso:

– Não lembra? Aqui é o mundo criado por John Lennon, na canção “Imagine”! Um mundo em que todos são irmãos e compartilham a vida em paz.

Lembro, sim, e creio que todos lembram a comovedora canção que encantou os jovens nos anos 70 e é, até hoje, um hino para os que amam a paz, por ser uma utopia do presente, aparentemente tão fácil de tornar-se realidade porque não espera alcançar um paraíso futuro: simplesmente propõe que o mundo contemporâneo seja compartilhado por todos e que todos constituam uma grande irmandade. Convido os que me ouvem a cantarem com Lennon essa bela canção:

Imagine there's no Heaven
It's easy if you try
And no Hell below us
Above us only sky

Imagine all the people
Living for today
Imagine there's no country
It isn't hard to do

Nothing to kill or die for
And no religion too
Imagine all the people
Living life in peace

You may say I'm a dreamer
But I'm not the only one
I hope someday you will join us
And the world will be as one

Imagine no possessions
I wonder if you can
No need for greed or hunger
Or Brotherhood of Man

Imagine all the people
Sharing all the world
You may say that I'm a dreamer
But I'm not the only one
I hope someday you will join us
And the world will be as one

Mas, apesar de o dreamer não ser the only one, o único sonhador, nem todos atenderam a seu convite e somente alguns se deram as mãos... Então, recomeço a busca de Jesus-além, onde amar é tão imprescindível como respirar, para entregá-lo a Bela e a todas as crianças como um legado. É urgente acreditar que nossa vinda ao mundo não faria sentido se não existisse a esperança de que um Menino, uma menina, mil meninos, mil meninas nasceriam para transformá-lo em um lugar de amor.

Não podemos entregar às crianças um mundo enfermo..... Essa triste constatação me faz recordar o famoso poema de Manuel Bandeira, "Pneumotórax":

Febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos.
A vida inteira que poderia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:

- Diga trinta e três.
- Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
- Respire.

.....

- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
- Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
- Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

Publicado em 1930, na coletânea *Libertinagem*, “Pneumotórax” mostra a angústia humana diante de graves impasses e, em última análise, diante do medo de perder a esperança. São coetâneos e reveladores da mesma aflição, os poemas “No meio do caminho” e “José”, de Carlos Drummond de Andrade que expõem o sentimento da impotência humana frente às desgraças do mundo. Escutemos os alguns versos do poema “José”, que parecem escritos para os dias de hoje:

E agora, José?

.....

não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?

.....

Com a chave na mão
quer abrir a porta,

não existe porta;
quer morrer no mar,
o mar secou;

.....

Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
Você é duro, José!

Sozinho no escuro
qual bicho do mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?
[p.88-89]

Hoje, quando o mundo tenta antecipar o Apocalipse narrado em um dos mais enigmáticos e terríveis livros das Escrituras Sagradas, pergunto-me se foi inútil a espera milenar d'Aquele que viria trazer a esperança de um mundo melhor?

Será que, além de dançar um tango argentino, só nos cabe a releitura de textos utópicos, em não-terras do passado ou do futuro? Ou criarmos, nós mesmos, paraísos imaginários? E nos conformarmos com "o que poderia ser e que não foi"?

Talvez.... ainda encontremos Jesus-além, a terra do amor e da esperança.

E se voltássemos a escutar o pungente auto de Natal, do poeta João, belamente musicado por Chico Buarque, e aguçássemos os ouvidos quando Severino pergunta:

“ – Seu José, mestre carpina,
que diferença faria
se em vez de continuar
tomasse a melhor saída:
a de saltar, numa noite, fora da ponte e da vida?”

E repetirmos, com o carpina de Morte e vida Severina:

“ E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida
/.../
mesmo quando é a explosão de uma vida Severina” .

A singela narrativa dos evangelistas sobre o nascimento do Menino Deus, que fora anunciado pelo profeta Isaías e pelo anjo Gabriel, “bendito fruto do ventre da Virgem Maria”, vindo ao mundo para trazer o amor e a paz; visitado por três magos, que O encontram porque guiados por uma estrela que lhes indica onde o Menino repousa, reclinado sobre uma manjedoura, e por pastores a quem os anjos anunciam Sua chegada, essa narrativa tanto singela como miraculosa tem o condão de comover – e uso aqui a palavra não só no sentido de emocionar, mas no de mover, e ainda completo, mover em direção ao outro - não somente os cristãos, mas todos que desejam um mundo fraterno, povoado de Franciscos, que se dispõem a despir o próprio manto para agasalhar a quem padece de frio.

Se, gerada por seu amor pela humanidade, a esperança que Francisco nos propõe pode parecer – a nós, habitantes do século XXI – sentimento inatingível, lembremos as palavras de um habitante da literatura, vaqueiro dos Gerais que, tendo sido guerreiro, torna-se, pela dor e pelos ensinamentos do Compadre Quelemém, um filósofo que não perde a esperança, barranqueiro do Rio São Francisco, contador de histórias, de sua própria história, e encerra sua longa narrativa com uma profissão de fé na humanidade. Assim, apesar de todas as dúvidas que o mundo violento nos impõe, continuo a crer como Riobaldo, de *Grande sertão: veredas*, de outro João: “Existe é o homem humano. Travessia”.

Se não encontramos a cidade de Jesus-além em nossa travessia, ainda é tempo de trabalharmos em sua construção e deixarmos como herança à posteridade um mundo justo e fraterno. Essa é a nossa esperança.